ANO I — Lisboa—Quarta-feira, 9 de Janeiro de 1918 — N. 271

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: P. 1635

O senhor Sidonio Paes

Lisboa regressou já ao giro ordinario da sua vida. E regressou, segura do que no governo ha um pulso capaz de manter a ordem. Na verdade, o senhor Sidonio Paes mostrou na rapidez com que dominou a insurreição da Armada as qualidades de prudencia e de firmeza que são necessarias a um chefe. Vê-se bem que a sua envergadura difere bastante da envergadura de quantos neste doloroso interregno de mais de sete anos se arvoraram a si mesmos em senhores e donos dos nossos destinos.

Até agora só o espirito de bando imperou em Portugal. O senhor Sidonio Paes, congregando á volta da sua figura já prestigiosa todas as energias naturalmente empenhadas em restituir ao país um pouco da sua antiga tranquilidade, acaba de se afirmar á altura da missão que as circunstancias dificeis do momento com tanta felicidade lhe conferiram. Creio bem, pela forma como os ultimos sucessos se liquidaram, que alguma coisa de novo e de imprevisto se começa a desenhar em Portugal. Por sobre os comodismos de quem mais obrigações possuia do que ninguem, através da passividade criminosa duma maioria sem aspirações nem finalidade, uma força se revela, cheia de ardor e de fé, polarisada por emquanto no sentido que á sua obra de pacificação o senhor Sidonio Paes procura imprimir. Refiro-me á mocidade,—ao concurso do seu esforço formidavel na cruzada santa contra o demagogismo, ao sangue ardente que ela trouxe com o seu sacrificio á molesa burocratisada do nosso exercito.

Realmente, no dia em que o estado de guerra levou á militarisação cerrada do país, o afonsismo lavrava a sua sentença de morte.

Mais cedo talvez do que seria para esperar, nós temos que lhe agradecer, por paradoxal que o nosso agradecimento pareça, esse passo decisivo para que nos emancipassemos a valer duma tutela tão injuriosa como parasitaria. E' com a mocidade que o jacobinismo não pode mais lutar. E' com a alma renascente da Patria que o sr. Sidonio Paes se encontra colaborando, por uma lei misteriosa da historia, nos trabalhos preliminares da verdadeira restauração de Portugal.

Sinceramente republicano, o sr. Sidonio Paes, por um defeito dos preconceitos racionalistas da sua geração, acredita ainda na possibilidade duma republica unida com os interesses sagrados da comunidade. Hoje como ontem, repetimos que era preciso a republica deixar de ser republica para que semelhante milagre viesse a produzir-se.

Com toda a lealdade, porem, deixemo-lo efectuar a sua *experiencia*. Que o sr. Sidonio Paes a efective no exercicio sereno da sua autoridade e convencido de que, enquanto a sua ação se inspirar na divisa honrada dum Portugal para todos, nenhum bom português fechará os ouvidos aos seus apelos, nem oporá entraves á marcha do seu governo.

Não importa a nossa atitude uma abdicação de principios, nem um abandono de bandeiras. Firmes como sempre, mais cheios de razões do que nunca, para nós tudo quanto seja nacional é nosso,—na frase admiravel do duque de Orleans. Na situação em que as circunstancias o colocaram, por conquista tambem de merecimentos que a ninguem já é licito sofismar, o senhor Sidonio Paes dispõe de elementos de informação que o habilitam a avaliar da sinceridade de nossas palavras. Não o amedronta, por isso, o *perigo monarquico*. Se a republica não pode viver senão mantendo a divisão da Patria num odio fratricida de guerra civil, compreende-se que nós sejamos um perigo,—o perigo da justiça sempre presente, o perigo da expiação que se retarda, sem que se consiga evitar. Mas para que receiarem-nos, se a republica é como dizem, a prosperidade da Patria assegurada, o seu desenvolvimento pleno no caminho da gloria e da riqueza?

Não se perturba o senhor Sidonio Paes com a debilidade de raciocinios democraticos, tão mal montados nas peças intimas do seu mecanismo. Para a calma do senhor Sidonio Paes, a republica pode,—generosa e bem intencionada ilusão!—desarmar ainda a evidencia cada vez mais persuasiva da Monarquia, instalando em outros moldes, que não as do afonsismo, a administração desbaratada do Estado. Assim, como professor que foi e como politico que é, vai começar a sua demonstração. Oiçamo-lo com simpatia e apreço, na certeza superior em que o nosso patriotismo se mantem e que é a virtude social mais forte de quem não receia os desenganos do futuro.

As conclusões virão em seguida. Impõe-nos agora acudir á crise mais aguda, á crise que mais de perto nos ameaça. Para essa basta o senhor Sidonio Paes, como ontem inteiramente se nos afirmou nas suas duplas qualidades de chefe prudente e energico. E' a unica maneira de se conseguir, ainda que tarde, por sobre tanto enxovalho e tanta perseguição aquela *união-sagrada* que a cumplicidade jacobina dos politicos fez abortar no mais infame dos embustes e que talvez a Deus aprouvesse, depois de tão dolorosa purgação equacionar trasitoriamente nesta recomposição transitoria da unidade perdida da Patria.

Taes são os votos sinceros de quantos, para, alem das paixões do instante e dos seus profundos e justos ressentimentos, só vêem a Patria pregada numa cruz, donde é preciso apeia-la para a alva já proxima de sua ressureição.

Antonio Sardinha

A lição da Russia

Publicava ontem o *Seculo* um artigo do seu colaborador assiduo dr. Augusto de Castro, artigo que pelas conclusões integralistas que dele se podem tirar nos chamou a atenção.

O sr. dr. Augusto de Castro vem da monarquia. Por mais que na republica tenha desaprendido, por mais que uma aturada convivencia democratica de ha sete anos tenha influenciado o seu claro espirito, e sr. dr. Augusto de Castro ainda conserva restos suficientes de monarquia, para fazer artigos como nunca o sr. Mayer Garção nem o sr. Antonio José de Almeida, farão em dias da sua vida. Bem sabemos—e é conveniente deixar apontada esta distincção—que a monarquia de onde veio o sr. dr. Augusto de Castro, como constitucional que era, tinha apenas metade da verdade nacional: o rei; não sejamos porém exigentes e reconheçamos mais uma vez, que o sr. dr. Augusto de Castro dela conservou como clareza de raciocinio e sentimento pratico das questões politicas, mais do que lhe é necessario para fazer muita vista ao lado dos seus confrades republicanos, coitadites, ainda no periodo do romantismo ideologico de 1830, sem rei... nem roque.

Começa o brilhante articulista por nos descrever a situação externa e interna daquilo que foi a Russia, não como o fazia o sr. Garção, com elogios á Republica Russa (elogios á palavra) e a Kropotkine, mas pintando o quadro tragico-democratico com as suas verdadeiras e horrorosas côres.

Depois fala-nos da doutrina. Aponta-nos o romantismo, o ideal[illegible]mo dos *meneurs*, os seus sonhos: a partic[illegible]ação de todos na riqueza publica, a extincção de todos os privilegios materiais e sociais, a democratisação completa do governo e do exercito, mas... cai logo a seguir no engano liberalista de considerar estas trahoadas todas, que aliás classifica de utopias e de coisas tolas e de pessimos resultados, como: *cem principio* (o italico é nosso) nobres e altas concepções de justiça». Esta hereditariedade liberalenga que nos pesa em cima sempre faz coisas!

Ora que me importa que seja ou não uma alta concepção de justiça que os meus filhos usurpem a minha auctoridade em minha casa, me tratem em pé de egualdade, como queria Saint-Just em nome dos principios humanos, que me importa, repito, se a minha casa se transforma num inferno e os meus filhos se tornam uns miseraveis? Simplesmente trato de deixar certos principios em paz, ou no ceu para onde talvez fossem destinados, não os elogio nem falo neles, da mesma maneira que não perco o meu tempo a pensar como eu seria bonito a voar agitando apenas os braços, do Zimbório da Estrela, á Graça, porque sei de sciencia certa, que não passava do chão do largo da Estrela.

E é justamente por pertencer a Democracia, ao numero dos principios que quanto mais puros se empregam, maior trambulhão fazem dar aos países, é por isso que somos integralistas.

Os Marinheiros

Toda a nossa gloriosa tradição maritima epilogou ontem num episodio banal de rebeldia sem relevo nem bravura. Mas os criminosos não são eles,—não são os marinheiros! Lamentamo-los antes como victimas de quantos lhe alojaram na simplicidade do raciocinio ideias mentirosas de partido debaixo duma capa hipócrita de patriotismo. Esses, sim!

Esses que é, mais de que ninguem, precisam de se ver responsabilidades pela divisão sacrilega em que ha sete anos se empenhavam, sem descansar um momento, para digarirem o país na segurança plena de tão farta e suculenta presa.

Os marinheiros nem seus cumplices chegam a ser! Lançaram-nos no caminho da perdição em que ontem se precipitaram, sem ter ao menos a loucura dum gesto digno,—e, afinal, para que? Para os abandonarem ao peso esmagador do seu delito, na mesma indiferença com que atiravam soldados para as guelas da morte, ou traficavam despejadamente os interesses sagrados de Portugal.

Ao ve-los agora,—aos marinheiros, entregue ao rigor da autoridade militar na sua mocidade desparatada, numa aventura sem perdão, mais a nossa voz de acusadores se deve elevar,—e elevar com inexorabilidade denunciando a firma sinistra para quem o sangue dos portugueses tem valido como capital que vantajosamente se põe a render. Acusar é o nosso dever imediato,—é o nosso dever presente. Não renunciamos a ele, na hora em que um acto de traição á Patria se comete, empurrando para a desgraça cinicamente algumas centenas de vidas.

Não! Não são os marinheiros os criminosos, pois nem cumplices chegam a ser. Quando a espada da justiça os atingir, que não se esqueça de assinalar primeiro as figuras odiosas que os transviaram na ausencia mais infame de todos os escrupulos, epilogando assim num episodio banal de rebeldia toda a nossa bela e gloriosa tradição maritima.

Patétinhas

Fomos ver o que nestes dias a Ofelia dizia de nós. Chamava-nos patétinhas. Ora o que é que ela não havia de nos chamar, desesperada de lhe não frequentarmos a casa?

—Parece que vai ser substituido o comandante em chefe do teatro de operações em Moçambique.

Nota politica

O evolucionismo reuniu e resolveu fazer declarações. Uma nota de hilariedade na atmosfera opressiva dos ultimos dias. Já conhecemos os figurantes. O acrobata maximo passeou a mão pela gaforina, e em nome da sua honra falou mais uma vez para a historia. Ignoramos, com franqueza, se nos hayemos de rir, ou se nos hayemos de confranger. Talvez que o homem seja sincero. E então não passa de um simples caso de Lombroso com todos os estigmas mentais da mais baixa inferioridade.

Perderam-se no espaço as palavras desa reunião solene do evolucionismo. Contavam certamente que as recolhessem os marinheiros, com tanta cumplicidade, bem sabemos de quem assim atirados para a ignominia da sua energia transviada. No fim, se algum eco se levanta ao longe, é um eco tragico, um eco de sombras lastimosas. São os soldados do general Gil, erguendo-se do seu repouso mortuario em pleno sertão, como outrora no sono de Augusto as legiões sacrificadas de Varos. Esses, sim, que, num gesto de condenação, fazem fundo á burla, já bem a nú duma dignidade politica que foi declamada nos comicios com a mesma cara estanhada dos dentistas de feira apregoando os seus elixires a um auditorio ingenuo de aldeia.

Somando e resumindo agora as declarações do evolucionismo, resulta delas uma curandeirice grosseira de partido que nem dentro de si possue alentos para ao menos morrer com brio. Pesam sobre o senhor Antonio José de Almeida as acusações do relatorio do general Gil. Que lhe opoz a sua boca, que lhe opoz o seu partido? Desmentidos gratuitos que só comprometem, declamações que nem chegam a ser artificiosas. Mais fortes, mais pesadas, as responsabilidades dos desastres de Africa, depois da reunião do evolucionismo, não são pertença só do ministro vazio e inepto que os provocou. Sinistramente as assumiram num impudor que define e marca aqueles que já agora se não desembaraçaram duma solidariedade voluntaria com o crime.

Eu sempre aguardei desse profissional de honestidade, que é o senhor Antonio Jesé de Almeida, que para se ilibar de acusações e se restituir á sua candura de vestal, requeresse um conselho de guerra e se sujeitasse a ele com uma coragem stoica que em parte o absolveria perante a execração publica. Para que em nada destoasse de si proprio, preferiu usar dos seus processos de comediante em decadencia, nos quaes, a começar pelos que o rodeiam, ninguem em Portugal acredita. Pobre caricatura ambulante, que, apezar de tracejada a linhas de sangue e lama, não ultrapassará nunca o ridiculo em que arrastadamente vive e arrastadamente ha de morrer! Supõe-se Danton, chocalhando frases cheias de gordura, em que só se compraz o seu cerebro despejado de todo.

No entanto, nem a grandeza da iniquidade possue, ficando-se ás portas do mal, no anonimato dos que não teem o desassombro para serem sinceramente, como o senhor Afonso Costa, aquilo que o coração lá de dentro a valer lhes pede.

E foi para isto, para se revelar mais uma vez sem cabeça na cabeça que o dirige, que o evolucionismo se reuniu? Quer-nos bem parecer que não. Os marinheiros poderiam vencer no dia seguinte e então... Então voltava o senhor Afonso Costa novamente, trazido das galés da historia, nos ombros do senhor Antonio José de Almeida. Matei ou não matei a charada? Pois se a matei, não me mate agora o evolucionismo bem á mostra na habilidade grosseira do seu jogo grosseirissimo.

A. S.

Antonio José de Almeida

Está novamente no Redondo, a descansar de um laborioso artigo publicado na *Republica*, o ilustre estrategico das campanhas de Africa, dr. Antonio José d'Almeida.

Homem Christo Filho

Visitou-nos este nosso prezado amigo e ilustre jornalista, de passagem em Lisboa.

Apresentamos os nossos cumprimentos mais afectuosos ao nosso confrade, a quem a causa monarquica deve assinalados serviços.

Paul Strozzi

Por intermedio do nosso prezado camarada Homem Christo, Filho, tivemos o prazer de conhecer este ilustre jornalista francês, que é tambem um notavel dramaturgo. Significamos-lhe as nossas homenagens da mais estreita camaradagem.

Ora a Ofelia!

Sabemos pelo nosso querido colega *O Liberal* que a Ofelia ali de S. Roque se metia outro dia conosco, dizendo cá da rapariada coisas feias e de pezo. Para o que lhe havia de dar agora! Tudo aquilo é desespero! Ele bem faz por detrás das tabuinhas: —*Pchiu! Pchiu!* Mas como é o mesmo que nada, teve um ataque subito de nervos, a vêr se lhe receitam agua de flôr de laranjeira. Coitada! Conhecem-n'a já de mais para a tomarem como rapariga seria! Isso foi nos tempos em que só recebia em casa e debaixo de muito segredo! Ora a Ofelia!

LOGARES COMUNS

O nevão

Caiu a neve, horas e horas, em flocos de arminho, lá para as bandas da minha terra natal. E tudo cobriu numa alva deslumbrante de noviça, tudo poz da cor do linho,—como na balada de Augusto Gil.

Caiu a neve! E depois de uma estiagem tão longa, tão sem piedade pela semente dos lavradores e pela magreza dos gados sem pastagens, a neve veio como promessa de fartura nos celeiros, foi como uns *bons-anos* por Deus mandados á humildade e angustia dos casais.

Caiu a neve! Toda a Serra de S. Paulo, toda a Serra de Marvão, os telhados, as arvores, os vales,—tudo se cobriu com a sua toalha alvissima, branca como a luz do luar, mais branca do que a farinha moída na azenha do *Tio Patacas*, mais lindo do que um sorriso da *Emilinha*, mais pura até do que uma oração do *Senhor Prior*...

Caiu a neve! E tanta caiu, de tal maneira a toalha alvissima engrossou, que os flocos de arminho—tão leves, tão frios!, como na balada de Augusto Gil—foram chamados *nevão*, na boca dos lavradores que bendisseram tamanha promessa de fartura nos celeiros, rendendo graças a Deus pelos *bons-anos* que enviou á humildade e angustia dos seus casais.

Ano de nevão—ano de pão! O Senhor permita que o acento profético desta velha sentença não seja desta feita desmentido pela desgraça, tanta vez contrária á boa sabedoria popular.

F. B.

Intelectuais

Que nos damos ares de intelectuais!—acrescentava a Ofelia. Que grande ofensa, na verdade, para o senhor Carlos Faro, seu diretor!

No bom combate

Mais um esforço entusiasmado nos procura hoje. E' o senhor Francisco Xavier dos Santos Silva, filho dum nome muito conhecido nos nossos meios financeiros. Por intermedio do nosso valioso companheiro de ideias e de luta, dr. Caetano Beirão, o senhor Francisco Xavier dos Santos Silva adere ao movimento integralista, em cujas esperanças depõe com ardor toda a fé da sua alma de moço. Continua assim a nova geração a afirmar-se a nosso lado, com combatividade e com crença. E' preciso contar com ela e já não é favor reconhecer que a sua ação se fez sentir na marcha das nossas coisas publicas.

Num belo exemplo do que seja a heretidariedade profissional, o senhor Francisco Xavier dos Santos Silva dedica-se tambem á vida financeira. A sua concordancia conosco reveste-se pelo caracter pratico da sua vocação dum especial significado. Mais uma vez o repetimos: destinando-se a realizar a unidade nacional perdida, sobre uma doutrina segura, o *Integralismo* traduz a convergencia de quantas aspirações obscuras palpitam e batem ás vezes nessa grande ansia de resgate que é hoje a verdade fundamental de quantos sejam dignos do nome de portuguezes.

O testemunho do nosso novo correligionario autoriza-nos a supô-lo com firmeza. Demais, o senhor Francisco Xavier dos Santos Silva possue, com a educação positiva que lhe dá a carreira porque optou, uma nota vel sensibilidade artistica. E' um musico distinto, a quem não são indiferentes as manifestações superiores do espirito. Não é de extranhar por isso que a situação se lhe pusesse com concludente nitidez. Oiçamo-lo na sua frase curta e bem contornada.

Meu caro amigo Caetano Beirão

Das nossas conversas e de leitura da «Monarquia» cheguei á conclusão que só tenho dois caminhos a seguir,—ou continuar a assistir com comodo indiferentismo á situação desgraçada em que se encontra a nossa patria e passar a ser criminosamente cumplice dos desastres que lhe possam advir; ou então combater resolutamente com essa valorosa pleiade integralista que lhe-de restituir á nossa nacionalidade a sua primitiva grandeza.

Sem hesitar-te declaro que de hoje em diante serei um dos soldados mais cheios de fé e de vontade da nobre causa integralista.

Seu sincero amigo

Francisco Xavier dos Santos Silva

Não somos nós quem ha de restituir á Patria a sua passada grandeza. E' bom não esquecer nunca de que nós não nos apresentamos como os seus salvadores. Não ha salvadores, mas sim meios de salvação. Nós apontamos apenas esses meios, deixando ao país, deixando ás classes a utilização consciente deles. E' aqui que reside a nossa força e é por onde o *Integralismo* se afasta de qualquer ideia de partido.

Assim o compreende o senhor Santos Silva, que com o seu aplauso e o seu apoio vem encher-nos da confiança, cada vez mais forte, de que o *Integralismo* nasceu para vencer e para conferir á Patria a sua dignidade decaída. Se todos a si proprios colocassem a questão na sinceridade e na nobreza com que o senhor Santos Silva a colocou, se a nossa cruzada avança com exitos crescentes, mais facil lhe seria o caminho, mais proximo estaria a hora suprema de a vermos perto do seu alvo.

Não desanimemos, porém. Corações ao alto, muito alto, quasi perto de Deus! E então que as nossas convicções não fiquem no mundo suspenso das idéas. Tornem-se quanto antes num elemento fecundo de ação. Só pela propaganda o conseguiremos. Por isso os nossos amigos tenham sempre bem presente o que ha de vitalidade e de corajosa afirmação neste simples brado:

Propaganda!

Propaganda!

Propaganda

O movimento anti-patriotico de ontem

Bernardino Machado ás portas de Portugal — Um telegrama significativo — O plano democratico — A insurreição da Armada — Prisões, mortes e feridos.

Preparado pelos democraticos a contra-revolução rebentou ontem, com tamanha infelicidade que morreu poucas horas depois de nascer. Foi um verdadeiro aborto democratico.

Pelo que lemos nos jornais os democraticos todos, e com eles os srs. Bernardino Machado, Norton de Matos, Leote do Rego, com o auxilio de elementos civis que não apareceram e com um grupo de marinheiros que tiveram de fugir para a outra banda tinham preparado uma contra revolução.

Toda a gente suspeitava do movimento. Toda a gente esperava pelos acontecimentos que, depois de varios dias de choco, irrisoriamente se desenrolaram ontem. Foi em vão que os democraticos fizeram a declaração de esperarem pelas urnas para afirmarem a sua força politica sem recorrerem a lutas fraticidas, foi em vão tambem que a *Manhã* tentou disfarçar o projectado movimento.

Em vão porque os beatos corriam por todos os cantos da cidade, porque certos individuos *suspeitos* falavam numa *revanche* proxima, num ajuste de contas, e porque ainda a *Manhã* começava a incendear os animos da populaça democratica, atacando indirectamente o gabinete Sidonio Pais, pretendendo revelar ao país um pseudo perigo monarquico.

Mas o movimento preparava-se para derrubar o governo e quem sabe? quantas vinganças pessoais, quantas represalias, quantos assassinios não estariam indicados no seu vasto programa?

Foi um movimento anti-patriotico, porque foi planeado para, triunfando, abafar os vergonhosos escandalos do governo democratico, que ilegalmente protegeu as *mulheres* e que criminosamente protegia o assassino do professor Gueifão, na *Chave d'Oiro*, e de Homero de Lencastre, no Porto.

Esta revolução irá agora dar ao extrangeiro a certeza pouco lisongeira e inabalavel de que os democraticos efectivamente praticaram certos *desvios*, em que a *Republica* por conveniencias proprias não quiz *acreditar*.

O sr. Bernardino Machado contava com o triunfo dos democraticos, para vir *reinar* outra vez em Portugal.

Este telegrama de Espanha é bastante significativo:

MADRID, 8.—«La Accion» diz que o sr. dr. Bernardino Machado partiu para Paris a fim de visitar seu filho que, como oficial, se encontra na frente de batalha.

Acrescenta o mesmo jornal que o sr. dr. Bernardino Machado, antes de partir, emitiu varias opiniões acerca da politica portuguêsa, dizendo que se considera tão presidente da republica como antes de abandonar o palacio de Belem. Disse que voltará a Madrid até que em Portugal se restabeleça a situação anterior.

A Lucta de ontem escrevia no seu relato sobre a irrisoria contra-revelução democratica:

«Em Lisboa foi recebida comunicação de que o dr. Bernardino Machado, que estava em Madrid, se aproximou de Portugal, encontrando-se agora em Badajoz.»

Agora, em face dos ultimos acontecimentos, podiamos usar da logica democratica, atribuindo um caracter germanofilo á ridicula contra-revolução que, se triunfasse viria substituir o gabinete Sidonio Pais por uma esponja cordial que apagaria os escandalos afonsinos.

Foram o *Mundo* e a *Republica* que nos ensinaram que todos os movimentos revolucionarios que vaem perturbar a ordem publica são germanofilos porque só aproveitam aos nossos inimigos boches. Ora o movimento de ontem que pretendia senão a perturbação interna? Eram patrioticos os seus fins? Não. E o *Mundo* e a *Republica* ensinaram-nos que, sempre que ha um movimento que não é patriotico—é declaradamente germanofilo. Portanto, a ridicula contra-revolução de ontem, foi um movimento germanofilo democratico...

O dia de ontem

O quartel do marinheiros submete-se ao governo

Lisboa amanheceu tranquila. A vida da cidade normalisou-se com a leitura dos jornaes em cujas colunas as notas oficiosas do governo davam como dominado o Quartel de Marinheiros, em Alcantara, que se havia rebelado.

De facto, ás 6 horas da manhã, as forças dispostas em Alcantara, sob o comando do sr. Major de Infantaria Guilherme Lopes d'Azevedo tomaram conta do Quartel.

Estavam dadas ordens terminantes para se começar o bombardeamento ás 6 horas em ponto, pois que as praças de marinha haviam desatendido todas as intimações do Governo.

Não havia oficiaes lá dentro, sendo as praças de marinha sublevadas então não mais de 150 comandadas pelo sargento Bexiga, auxiliado pelo 1.º cabo 805 e pelo marinheiro n.º 2457.

Pouco antes das 6 horas o proprio sr. ministro da guerra intimou, pelo telefone, os que ainda estavam no quartel a fazerem-se no prazo de 10 minutos; e, conforme já ontem noticiamos em 2.ª edição, decorrido esse prazo, minuto a minuto, a rendição foi declarada, sendo franqueada a porta das armas e uma força de 120 praças de infantaria 2, 16 e 33, sob o comando do capitão de engenharia sr. Duarte Veiga, o qual entrou no quartel, conforme as condições impostas aos rendidos, estando estes formados na parada e com as armas ensarilhadas.

Os marinheiros presos seguem para varios fortes

A's 7,30 organizou-se no quartel general uma forte escolta de infantaria, que acompanhou entre baionetas, até á estação de Alcantara-Terra e dali até ao forte de Caxias, os marinheiros apresentados e com os quais se uniram no mesmo comboio os que do quartel haviam saido já.

No conce ia um piquete de cavalaria da guarda republicana.

Outra escolta, organizada a seguir, conduziu mais marinheiros para a Trafaria e Alto Duque. Eram ao todo 242 os presos.

Não ficou, porém, por ali, como tudo indicava o movimento revolucionario, que só mais tarde se soube ter um caracter geral. O cruzador *Vasco da Gama*, que se encontrava na doca, faz-se ao largo rebocado pelo *Cabo da Roca* e rompe o bombardeio contra a cidade. Havia ordem para as baterias do Castelo de S. Jorge atacaram os navios que fizessem qualquer manobra hostil; assim o navio foi logo alvejado com varios tiros e iniciar-se logo um vivo duelo de artilharia entre aquele vaso de guerra e o Castelo.

Na doca, antes de sair, os revoltosos cortaram todas as comunicações telefonicas, estabeleceram vedetas para não deixarem entrar, nem sair, pessoa alguma.

Eram 10 horas e 45 minutos quando o *Vasco da Gama* tomou posição no quadro dos navios de guerra, em frente do Terreiro do Paço, ouvindo-se então o primeiro tiro de canhão.

Algumas granadas rebentaram proximo daquele vaso de guerra, dando origem a alguns ferimentos.

Os revoltosos, vendo que não podiam resistir ao ataque das baterias de terra, resolveram render-se, içando bandeiras brancas.

Entretanto, muitos marinheiros revoltados saltavam para as balieiras do bordo, para se porem em fuga.

Ao mesmo tempo, o cruzador *Vasco da Gama* era levado pelos revoltosos para proximo da Cova da Piedade, a fim de, na fuga, alcançarem a terra com mais facilidade, tendo muitos deles desembarcado em Cacilhas, Seixal, Alfeite e Barreiro.

Alguns marinheiros, lançaram-se ao rio na precipitação da fuga, constando que alguns deles morreram afogados, outros se recolheram a bordo de um navio americano.

Algumas praças do cruzador, que fugiram para a outra margem do rio, muita

delas foram presas pela guarda republicana de Almada, recolhendo á cadeia.

Uma granada tambem caiu a bordo do «destroyer» «Guadiana», que lhe furou uns ventiladores.

De bordo dos outros navios arriaram as embarcações quando começou o canhoneio e dirigiram-se para o Arsenal, mas como se esperava um ataque ao Arsenal, as forças do exercito, que estavam postadas nas janelas do ministerio das colonias, fizeram fogo sobre os escaleres. O oficial de serviço fez ver que havia engano, pois eram praças desarmadas que vinham refugiar-se no Arsenal da Marinha por causa do bombardeamento, cessando imediatamente as forças de fazer fogo.

No «Vasco da Gama» rebentaram tres granadas, sendo uma proximo do paiol da polvora, outra junto de um reduto da peça 20 e outra á pôpa, junto do convés.

O estilhaço de uma delas atingiu a perna de um marinheiro na ocasião em que este arriava a bandeira nacional.

Uma das granadas produziu um pequeno rombo do lado da pôpa.

Além da bateria postada no Castelo de S. Jorge fizeram alguns tiros as peças da bateria do Bom Sucesso, um dos quais atingiu de recochete na agua o costado do «Vasco da Gama».

Tambem por tres vezes fez fogo um dos obuzes de 15 c. postados no alto da Ajuda.

Do ministerio do interior recebemos a seguinte

Nota oficiosa

Ha dias que o governo era prevenido de tentativas de sedição manejadas por elementos democraticos entendidos por intermedio de varios agentes de ligação, com Norton de Matos, Leote do Rego, Luiz Galhardo e Bernardino Machado. Este, esquecido da dignidade e decóro que devia á situação de que foi afastado em nome dos altos interesses da Patria e da Republica, tinha em Madrid repetidos entendimentos com certos democraticos prejudicados nos seus ilegitimos interesses, e com o proprio Armando de Azevedo, pessoa da confiança de Afonso Costa e Norton de Matos, acusado de varios assassinatos e hoje homisiado em Espanha como indigitado assassino do professor Gueifão.

Este e outros agentes da politica de Afonso Costa, detestados pela opinião publica e sem outra força que não fosse a dos seus valiosos e inconfessaveis interesses feridos, planearam por varias vezes atentados pessoaes, e, ultimamente, aproveitando a abominavel obra de corrupção, sectarismo e rancor que Leote do Rego durante dois anos levou a cabo em alguns elementos de marinha, espalhando falsos boatos, e, entre eles, o receio de subversão do regimen nas mãos do governo, conseguiram perturbar o corpo de marinheiros e a guarnição do «Vasco da Gama», lançando-os numa sedição.

O governo, pretendendo evitar este crime, que punha em grave risco a segurança da cidade, procedeu imediatamente com decisão e energia, mandando retirar as munições ao corpo de marinheiros.

Durante a recusa deste ao cumprimento da ordem, tomou todas as precauções para isolar o respectivo quartel, em termos de não alarmar nem perturbar a vida da capital.

Cercado o quartel de marinheiros e tomadas em toda a cidade as medidas necessarias de vigilancia e garantia publica, desde a tarde de ontem até á madrugada de hoje, espaço de tempo em que as forças utilisadas se comportaram com a maior utilidade, zelo e dedicação, suportando o rigor de uma noute de temporal, os revoltosos renderam-se ao governo, instalado no quartel general, seguindo presos para um forte de campo entrincheirado.

Pelas 10 horas, soube-se que o «Vasco da Gama», contra as ordens dadas, com o comandante preso e sem oficiais, sahira da doca, rebocado por um vapor, seguindo rio acima, tomando posição no meio do mesmo, em frente do castelo de S. Jorge, para dali bombardear a cidade.

Então, as baterias de terra fizeram fogo contra o couraçado revoltado, travando-se duelo de artilharia, em que o navio, desde logo atingido, foi promptamente dominado, içando a bandeira branca.

Pouco depois tomava o governo posse do «Vasco da Gama».

As restantes unidades navais definiram a sua attitude de fidelidade ao governo, o qual, em face do aplauso da opinião publica e da força moral, criada pelos seus actos, responde pela ordem e pela tranquillidade, e afirma que, sem hesitações, proseguirá o caminho que a gloriosa revolução de 5 de dezembro lhe marcou, nunca excedendo os limites da Justiça, mas nunca recuando na defeza dos supremos interesses da Patria e da Republica, que, em nome da Nação, lhe foram confiados.

Mortos e feridos

Na casa mortuaria do hospital da Estrela, deu ontem entrada o cadaver do 2.º sargento Manuel dos Santos, da 2.ª bateria de artilharia 1, que ante-ontem á noite foi morto com um tiro no pescoço, caso ocorrido dentro do quartel daquele daquele regimento.

Tambem recolheu ao mesmo hospital, onde chegou morto, o soldado 870 da 10.ª companhia de infantaria 2, Francisco Avelar.

—Para a enfermaria n.º 5, do hospital de S. José, entraram por terem sido atingidos por estilhaços duma granada a bordo do «Vasco da Gama», Joaquim Ferreira Mendes, 2.º artilheiro da armada, n.º 4:571, do caça-minas «Baptista de Andrade», que ficou ferido no ventre, sendo operado no banco.

O seu estado é grave.

—José das Neves, 1.º cabo de marinheiros, 905, ferido numa perna, recebendo socorros no posto da Cruz Vermelha.

—Depois de operado, recolheu á enfermaria n.º 4, João Amoedo Horge, criado do conhecido restaurante «Abadia».

—Recebeu curativo no banco Julio Jacinto Correia, guarda civico n.º 399, da 4.ª esquadra.

—Tambem receberam curativo no posto da Cruz Vermelha, Custodia Correia, rua da Saudade, 13, 3.º, de 20 anos, criada, ferida com estilhaços de uma granada; Emilia da Piedade: residente na Amora; Francisco Simões Coutinho, calçada do Correio Velho, 5, empregado de praça; Antonio Moreira, Fabrica da Polvora, 17, carroceiro, ferido no braço esquerdo; Bernardo Correia, travessa do Funil, calceteiro, com escoriações.

—Ao hospital da Estrela recolheu o soldado da 4.ª companhia de infantaria 25, Manuel Martins, ferido no quartel de engenharia.

—Tambem receberam curativo no banco do hospital de S. José, Laurinda da Conceição Dias, rua de Santo Amaro, 59, e Maria Hilaria, travessa do Arco da Graça, 5, loja.

Prisões

O agente Belem prendeu o conhecido revolucionario civil Acacio Bonito, que fez parte do grupo de Borges, que prendeu o general sr. Jaime de Castro.

Foram-lhes apreendidas 12 bombas.

—No governo civil estão presos 42 marinheiros e 12 civis.

—Foi preso no Porto o sr. dr. Campos Silva, presidente da camara municipal daquela cidade.

—Ontem, á noite, pelas 22 horas, seguiram em automovel, para Paço de Arcos, o sr. dr. Armando Osorio, secretario do sr. governador civil, tres aspirantes da Escolas de Guerra e um alferes de artilharia, os quais, auxiliados por um civil, prenderam ali e trouxeram para Lisboa um individuo de nome Teixeira e o 2.º sargento Baptista, da companhia de torpedos fixos, a quem apreenderam pistolas, evadindo-se um outro.

O governo dissolve o corpo de marinheiros

Ao que nos consta vai ser publicado um decreto dissolvendo o corpo de marinheiros e estabelecendo novas disposições que modificam a actual organização das forças navais e do respectivo pessoal.

Notas varias

No quartel ficaram apenas uns 14 marinheiros para tomar conta dos haveres dos seus camaradas.

Tomado o quartel a maioria das forças retirou, ficando ali uma de sapadores, comandada pelo alferes Salvador de Almeida.

Muitos marinheiros que durante a noite estiveram fóra do quartel, foram ali mudar de fato e buscar coisas que lhe pertenciam.

O sr. contra-almirante Borja de Araujo e varios oficiais voltaram ali durante o dia, tendo estado a regular varios serviços.

—Quando do Castelo de S. Jorge se fazia fogo, o «Douro» e o «Guadiana» içaram a bandeira encarnada. Logo em seguida uma granada caiu á pôpa do «Guadiana», o qual, como o «Douro», arriaram aquela bandeira, fazendo-a substituir por uma branca.

—Alguns dos marinheiros fugiram em canoas, tendo ficado naquele navio apenas o comandante e 13 marinheiros, para apagarem o fogo que se manifestou a bordo, provocado pelas granadas.

O navio ficou ligeiramente avariado.

—A residencia do sr. Alvaro Pope, na rua de S. Bernardo esteve toda a noite vigiada por uma grande força de policia.

—O sr. Machado Santos e o dr. Faria Teotonio, seu secretario, estiveram ontem á noite tomando café na «Brazileira» vindos do governo civil, cujo edificio continuou fechado durante a noite, conservando-se a policia de rigorosa prevenção.

Logo que soaram os primeiros tiros, elementos civis compareceram no quartel de artilharia 1, onde se muniram de pás e picaretas, seguindo depois para a Rotunda, onde estiveram abrindo trincheiras. Com a maior dedicação trabalharam 900 civis, que depois auxiliaram a artilharia a tomar posições, restabelecendo-se em poucos minutos o acampamento no Parque Eduardo VII.

Foram tambem estabelecidas barricadas em redor do parque, tendo as metralhadoras tomado posições no largo do Rato e Avenida. Todas estas providencias foram tomadas com a maxima rapidez.

—Quando o fogo do Castelo adquiriu maior intensidade a tripulação do «Vasco da Gama» arriou as baleeiras, nas quais as praças iam embarcando.

—O comandante das forças de ataque ao corpo de marinheiros era o major de infantaria sr. Guilherme Lopes de Azevedo, á disposição do qual foi posto um destacamento constituido por tropas de infantaria 2 e 16, uma bateria de artilharia 3, 3.ª companhia e 3.º esquadrão da guarda republicana, forças de sapadores mineiros e 1.º grupo da administração militar.

Os oficiais do corpo de marinheiros haviam sido autorizados pelo respectivo sr. ministro a abandonarem o quartel.

—Os 10 sargentos que foram presos em infantaria 2 seguiram ontem de manhã para Braga e Bragança, transferidos para os corpos daquelas localidades.

—Sabe-se agora que alguns marinheiros preveniram varias familias que moravam nas proximidades do Castelo de S. Jorge, a retirarem-se para bem longe dali, visto o movimento estalar antes do dia 10 corrente.

—Na maioria general da armada apresentaram-se hoje varios sargentos e marinheiros não só do cruzador «Vasco da Gama», como tambem do corpo de marinheiros.

Logo de manhã tambem se apresentaram no Arsenal de Marinha muitos sargentos e marinheiros dos navios de guerra surtos no Tejo, seguindo dali para bordo desses navios.

—Ao meio dia de hoje ainda se achava no mesmo ponto em que ficou ontem o cruzador «Vasco da Gama», que deve ser rebocado para a doca onde estava a reparação.

—O cruzador «Vasco da Gama», que sofreu algumas avarias por ocasião do bombardeamento, vae sofrer os fabricos indispensaveis, afim de ir desempenhar a commissão que lhe foi destinada, mas não para a Africa, como se disse.

—A noite passada, um grupo de individuos que se diz pertencerem ao «Centro 14 de Maio», atacou com bombas e tiros de pistola o quartel de infanteria 2, saindo da refrega varias pessoas feridas.

Um soldado daquele regimento ficou morto e um outro gravemente ferido.

Efectuaram-se varias prisões.

—Os presos envolvidos no movimento estão nos fortes de Caxias e Alto do Duque, presidio da Trafaria e quartel do Carmo.

No governo civil tambem se acham bastantes presos.

Nos calabouços particulares estão oito.

Naquele edificio tem havido grande movimento.

—O comandante da policia, o director da policia de investigação, o seu auxiliar e os chefes das duas secções, estão-se ocupando das investigações dos ultimos acontecimentos não recebendo ninguem estranho ao serviço.

—A noite passada, para os lados d'Arroios, foram presos alguns individeos um dos quaes andava vestido com a farda de tenente.

—Está preso o engenheiro sr. Arthur Henrique de Sousa Real, sub-director da exploração do Porto de Lisboa, implicado segundo se diz, na saida ontem, do cruzador «Vasco da Gama», da doca da referida exploração.

—Varias praças da armada que se tem apresentado foram mandadas recolher e outras que foram presas por haver desconfianças de estarem metidas no movimento, foram mandadas presas para os fortes.

—A um dos nossos navios já hoje foi dada uma commissão de serviço.

—Parece que não vae por diante a ideia de se dissolver o corpo de marinheiros, o que naturalmente vem a suceder é a sua séde ser transferida para fóra de Lisboa.

Nota oficiosa

O governo distribuiu aos jornais a seguinte nota oficiosa:

«Tendo o cruzador «Vasco da Gama» saído da doca de Santos contra as ordens expressas do governo, e tomado posição a meio rio, em frente do Castelo de S. Jorge uma bateria instalada nesta posição dirigiu os seus fogos sobre aquele navio o qual tambem fez alguns tiros, içando pouco depois, uma bandeira branca.

Uma parte das guarnições de outros navios de guer.a desembarcaram alguns homens das suas tripulações que, desarmados, se entregaram a forças da guarda republicana e do exercito, na Praça do Comercio e no Arsenal da Marinha. O governo tomou imediatas providencias para manter a ordem e o respeito pela auctoridade que considera completamente assegurados.

O cruzador «Vasco da Gama» acha-se já em poder do governo.»

Dr. Paulino Leitão

Deu-nos o praser da sua visita este nosso prezado amigo companheiro. Paulino Leitão é uma boa lembrança dos nossos tempos de Coimbra, e não nos sendo por isso indiferente a sua completa camaradagem até nas nossas mais queridas aspirações de espirito.

Pitta & C.ª — Camiseiros — Artigos de novidade 195—RUA AUGUSTA, 197—Telef. 58

O «Monte-Pio Geral», realiza com facilidade, a prazo e em c/ corrente emprestimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1/2 0/0.

Os espectaculos imoraes

Recebemos a seguinte carta, com que concordamos em absoluto:

Sr. redactor:

Uma serie de decretos sensatos e muito a proposito que o governo agora tem publicados e um artigo ontem publicado n'*A Monarquia* sobre os bailes russos levaram-me a escrever estas linhas com esperança de que elas o levem a por meio do seu jornal conseguir, ou antes, chamar a atenção do governo para um assunto que eu, um velho e humilde medico, reputo muito perigoso para a moral da nação.

Trata-se do animatografo.

Raras vezes o frequento mas ainda não consegui ver uma unica vez qualquer coisa aproveitavel e correspondente aos amplos beneficios que dele podiamos receber.

Já não falando das imoralidades que a grande maioria das fitas apresenta, e com que as meninas se regalem, agora nesta ocasião em que os gatunos são aos milhares e que o numero de assaltos e roubos centuplicou é inadmissivel que num paiz culto se admito que os filmes policiais se apresentem como nunca.

Mas ainda ha um aspecto mais perigoso no animatografo moderno.

Eu nunca leio o *Seculo* mas ha dias por mero acaso esse jornal passou-me pelas mãos e não sai porque comecei lendo o argumento duma fita, que ele publica em folhetins e cujo nome é se a memoria não falha «A seita tenebrosa».

Fiquei perfeitamente espantado! E' extraordinario que se exhiba uma monstruosidade daquelas!

Muito mal deve fazer essa fita nos espiritos dos espectadores, a maior parte deles espiritos nervosos e fracos de mulher tão facilmente impressionaveis!

E' preciso que se comece a olhar a sério sobre o grave problema do animatografo tão importante como o teatro no que diz respeito á educação do publico.

Os srs. da *Monarquia*, os srs. rapazes novos e sensatos, cujo talento bem se tem afirmado nas colunas desse jornal, bem podiam tentar alguma coisa a este respeito.

Eu já estou velho para estas coisas. Já não sou deste tempo.

Se nos meus tempos se se falasse em roda hipnotica e trocas de almas o Manicomio de Rilhafoles tinha sempre logar para esses avançados!

Exagero? Não. O publico ainda não tem nem nunca terá a preparação precisa para entrar na sciencia num grau tão avançado, sem sofrer abalo e comoção nervosa. Por isso deixem-se disso. Deixem-se de sciencia. Bom senso é que é preciso. Juizo e cabeça fresca.

Por aqui fico. Mil desculpas por esta maçada.

Queira Deus que não seja inutil. Mais uma vez desculpe sr. redactor esta caturrice de um amigo e velhote *João Semana*.

Briquetes para cosinha

Vendem-se posto ao domicilio, peso garantido. Pedidos á rua do Possolo, 55 Telefone, 2.427 Central.

Livros novos

Os Paradoxos de Adême, por Afonso de Bourbon e Menezes, prefacio de Julio Dantas. 1 vol. br. 400.

O Prestidigitador Moderno, por J. G. Oliveira, 3.ª edição, com 1 60 gravura br. 400, cart. 500. Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, R. Augusta, 44 a 58

NOTAS DA GUERRA

Sem duvida o acontecimento de maior vulto no actual momento da guerra é o discurso do primeiro ministro inglês.

Antes de mais nada lembremos que Lord Lansdowne fez ha mêses determinadas considerações sobre a oportunidade da paz, considerações que foram em geral mal recebidas. Agora vemos o mesmo Lord Lansdowne aprovar as palavras de Lloyd George com tal entusiasmo que instintivamente, e embora nos não recordem já ao certo as afirmações anteriores do chefe da União inglêsa, somos levados a supôr que elas se aproximem bastante do que hoje diz Lloyd George, se é que não foram absolutamente identicas.

Sendo ainda prematuro julgar o acolhimento e a impressão que encontrará a fala do «Premier» nos meios politicos da Entente, um ponto ha comtudo no discurso que seria de muita conveniencia esclarecer. Lloyd George admite a existencia da Alemanha como grande potencia. Aqui está o perigo, porque foi exactamente o aparecimento dessa grande potencia obra de Bismarck, que veio perturbar a paz mundial.

E' verdade que Lloyd George tambem propõe indirectamente a fraqueza da Alemanha quando a convida a democratizar-se, mas... este convite é como certos ditos que só teem graça quando proferidos com a plena consciencia da ironia; por outras palavras: o pedido de Lloyd George ao povo alemão para que este se democratise só teria valor se o primeiro ministro inglês em vez de um filho politico de Rousseau possuisse uma cultura moderna. Nesse caso a democracia alemã seria como o mais acarinhado desejo nacionalista inglês, fomentada como Bismarck fomentou a terceira republica em França.

Porque isto de democracia, com a competente inversão da autoridade e falta de disciplina, é sempre coisa que preferimos ver em casa do inimigo. Isto pensamos nós, os conscientes e praticos em questões politicas.

A florsinha azul do romantismo conta porem ainda muitos adeptos!... O que vale é que é na respeitavel geração acima da nossa e o tempo ha de ser nosso auxiliar.

Contra a guerra

A «COMPANHIA GARANTIA» effetua seguros de GUERRA, bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Totta & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n.º 1589 C.

Faianças integralistas

No estabelecimento do nosso querido amigo Fernando de Campos, rua Augusta, 55 a 56, encontram-se á venda algumas faianças, saidas da fabrica de Campolide e marcadas com o sinal nobilissimo do nosso movimento. Convidamos os nossos amigos a admirar alguns desses interessantes exemplares, que representam da parte de Fernando de Campos um intuito rasgado e patriotico.

Nunes & Nunes, Suc.

Cambios, papeis de credito «coupons» e cheques sobre o estrangeiro 95--R. do Ouro--97

Camara municipal da Nazareth

No gabinete dos «reporters» do governo civil foi hoje recebido o seguinte telegrama:

O sr. governador civil de Leiria, ao abrigo da portaria 1187 de 31 de dezembro, nomeou a camara da Nazareth composta pelos srs. Antonio Carvalho Laranja, comerciante; José Maria Carvalho, proprietario; Joaquim da Silva Periquito, comerciante; Abilio Lopes Gomes, proprietario; Joaquim Ferreira Silverio, comerciante; João Duarte Vieira, farmaceutico; Manuel Ferreira Carradas, comerciante; Antonio Matias Silverio, farmaceutico; Abilio Marques Carepa, proprietario e João Maria Couceiro, proprietario. (D. C.)

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL

66, R. Augusta, 214
54, R. d'Assunção 56

Emprestimos sobrejoias, ouro, prata s papeis de credito. Juro maximo, 5 réi por cada 5 tostões.
Cofres para alugar nas casas fortes

Teatros e cinemas

RECLAMOS

Nacional—A «Morgadinha de Valflôr» representa-se hoje, no Nacional, em unica *recita da moda*, com Palmira Bastos e Brazão, e ultima de assinatura suplementar. E', pois, certo exgotar-se, de novo, a lotação do Nacional.

Coliseu dos Recreios—As sessões cinamatograficas no Coliseu dos Recreios são uma verdadeira atracção. Hoje, repetem-se os tres primeiros episodios do celebre *film Ultus*, o mais impressionante e bem concatenado no genero policial, além doutras peliculas de sensação. A'manhã estreia da 4.ª aventura de *Ultus, A pista de Loester*.

O Credito Predial realiza, além dos emprestimos hipotecarios em dinheiro, em Lisboa e Porto, a 5 1/2 0/0 e nas outras terras do Pais a 6 0/0, incluida a comissão, emprestimos em conta-corrente, respectivamente a 5 0/0 e 5 1/2 0/0.

Jornadas e Salões

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Francisca de Almeida e Vasconcellos de Noronha.
D. Maria Claudia de Atayde de Malafaia Palma de Vilhena.
D. Izabel Luz (Coruche).
D. Elisa de Carvalho Ramos.

E os srs:

D. Augusto Bustos de Mendonça.
Gaspar Falcão Cota Pinheiro de Azevedo Velho de Barbosa e Bourbon (Azevedo).
Alvaro Ferreira Pinto Basto.

DE JORNADA

Regressaram de Vianna do Castello o sr. Thomaz Cayolla.
—Regressou de Celorico da Beira o sr. D. José Osorio de Alarcão.

RECITA DE HOMENAGEM

E' esta noite que no Ginasio se realiza a recita dedicada pela empreza daquela elegante casa de espectaculos aos seus reclamistas mundanos, com a espirituosa comedia «O affilhado da madrinha» estando os bilhetes quasi todos passados pelas principaes familias da nossa aristocracia.

Como nos anos anteriores a recita de hoje é das que ficam para sempre gravadas por constituirem um verdadeiro acontecimento mundano.

NO EDEN

Amanhã realizam-se as primeiras sessões da moda com a engraçada revista «O novo mundo» ampliada com um espirituosissimo quadro novo que tem alcançado um justificado exito.

NO GINASIO

Neste elegante teatro um dos preferidos pela nossa primeira sociedade para os seus rendez-vous realisa-se amanhã a semanal recita da moda, representando-se a fina comedia «O palacio da marqueza», um dos melhores trabalhos da explendida companhia Maria Mattos & Mendonça de Carvalho.

NO CINEMA CONDES

Na soirée da moda de hoje estreia-se um film, «O amor dos homens» que vem precedido de grande fama e que estamos certos atrairá ao elegante cinema Condes e concorrencia costumado o que equivale a dizer ser toda a nossa sociedade.

ESPECTACULOS

NACIONAL.—A's 8 45— «A Morgadinha de Val Flor».
REPUBLICA—A's 9.—«Zézé».
TRINDADE.—A's 9 —«Papagaio real».
GINASIO.—A's 9 e 15—«O palacio da marqueza».
AVENIDA.—A's 9.—«A Viuva Alegres—Opereta.
EDEN.—A's 8 e ás 10.—«O novo mundo».—O quadro novo «Fixe».
ESTRELA.—A's 8 1/2.—Variedades.
COLISEU DOS RECREIOS.—A's 8 50—Espetaculo da moda.—Estreia da 3.ª aventura «Ultus», —«A dama cinzenta» (escalada do zimborio da Estrela) e outros filmes.

Salão Foz—A's 8—Animatografo.
Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.
Olimpia—Animatografo e concerto.—«Matinées» todos os dias.
Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Matinées» ás quinta-feiras.
Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.
Salão da Trindade—Animatografo e concerto
Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.
Salão dos Anjos—Animatografo e variedades.
Cine-Paris—Animatografo.
Chantecler—Todas as noites fitas faladas.

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

INUNDAÇÕES, GRANIZOS E INCENDIOS

SEGUROS contra estes riscos, e SEGUROS pecuarios contra acidente e morte natural, efetiva a *Comp.ª de Seguros «Atlantica»*, Loios 9, 1.º. Porto da qual são delegados em Lisboa = V. Cunha & C.ª =
R do Comercio, 98, 1.º—Tel. 4306

Perfumaria Baisemão
PRETOZEIROS 141
TELEFONE N.º 1777—LISBOA

Palmyra Callixto
Tratamento de senhoras e creanças
Massagem medica manual e electrica Gymnastica medica e sueca. Tratamento da pelle e cabellos. Manucure.
Calçadado Sacramento, 97, 2.º
TELEPHONE 4.55

Notas da Arcada

—O sr. ministro das Colonias vai organizar as forças necessarias para uma acção energica em Moçambique contra os alemães.

O novo governador geral de Moçambique segue brevemente para ali.

—Fala-se no sr. general Rosado para ir comandar essas forças.

EMPREZA ELECTRICA
H. B. C.
Rua dos Fanqueiros, 12
Instalações electricas de luz e força motriz

GAMA
Antiga casa MANAÇAS
Grande variedade de bilhetes e fracções para todas as LOTERIAS
Cautelas de todos os cambistas. Atende promptamente todos os pedidos da provincia, ilhas e Africa.
Fornece para revender nas melhores condições. Pelo correio mais $7,5 para registo.
Telephone: CENTRAL 1595
Sempre sortes grandes!
Pedidos a F. SILVA GAMA
Rua do Amparo, 49—**LISBOA**

COMPANHIA DE SEGUROS "GARANTIA"
DO PORTO
FUNDADA EM 1853
Capital 1.000:000$00
(Um milhão de escudos)
Fundo de reserva e deposito de garantia ate 30 de junho de 1913 101.533$18,5
Sinistros pagos ate 30 de junho de 1913—4.794:362$50
Dividendos distribuidos—1.346:500$00
EFFECTUA: Seguros contra riscos de fogo, *tumultos e de guerra*. —Seguros contra riscos maritimos e de guerra.—Seguros contra riscos fluviaes, riscos industriaes e riscos agricolas.—Seguros de automoveis. Seguros de alugueis de predios.
Agencia em Lisboa:—RUA AUREA, 69—Telef. 583 e 1589
JOSÉ HENRIQUES TOTTA & C.ª